

"TUDO QUE NÓS TÊM É NÓS": PESQUISA ATIVISTA, METODOLOGIAS INFORMADAS POR ARTE, LUGARES DA NEGRITUDE E PRÁTICAS POLÍTICO PEDAGÓGICAS DE COLETIVOS NEGROS NA UNIVERSIDADE¹

Tamiris Pereira Rizzo (Universidade Federal do Rio de Janeiro/RJ)

Osmar Santos (Universidade Federal do Rio de Janeiro/RJ)

Alexandre Brasil Carvalho da Fonseca (Universidade Federal do Rio de Janeiro/RJ)

Resumo

Como o movimento negro se torna um educador coletivo das relações étnico-raciais em uma universidade pública? A busca pela resposta a esse problema de pesquisa em um trabalho de tese nos direcionou para o encontro com o referencial teórico-metodológico da pesquisa ativista de Hale et al. (2008) para o trabalho de campo e das metodologias informadas por arte de Knowles e Coles (2008) para organização e apresentação dos resultados. Após análise de diário de campo, entrevistas e materiais audiovisuais a tese foi estruturada a partir da análise de um poema de uma estudante; da composição de uma galeria de imagens feitas na UFRJ e, da elaboração de três contos literários ilustrados. Buscamos por meio deles, acessar e captar, por meio de outras chaves e linguagens, a politicidade, a ética e a estética presentes nas práticas educativas, nas estratégias político-pedagógicas e nas produções de novos conhecimentos em ciências e saúde por parte desses coletivos. Essas escolhas teórico-metodológicas propiciaram reduzirmos às distâncias entre o fazer político-cultural e artístico dos coletivos negros universitários e as formas convencionais de retratá-los nas pesquisas etnográficas.

Palavras-chave: Antirracismo, UFRJ, Movimento Negro Educador

Introdução

O presente trabalho é um recorte que aborda aspectos teórico-metodológicos do trabalho de tese de doutorado, intitulado "*Tudo que nós têm é nós: lugares da negritude e práticas político pedagógicas de coletivos negros na universidade*" (RIZZO, 2021), para a qual foi desenvolvida pesquisa etnográfica em que refletimos sobre arte, política e a atuação de coletivos negros na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Algumas ilustrações da tese também compõem a mostra do I Prêmio Pierre Verger de Desenho.

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022

A tradição de *activist scholarship* ou *activist research* (pesquisa-ativista em tradução livre) de que me aproximei emergiu no contexto norte-americano, tendo sido esta experiência construída, sistematizada e apropriada no interior da área de “Black/African Diaspora Studies”, mais especificamente, como um fruto da experiência de pesquisadores e ativistas da Antropologia na Universidade do Texas, campus de Austin e seus parceiros nos idos dos anos 2000.

A leitura de Hale (2008) mostra uma compreensão de pesquisa-ativista enquanto teoria, método de pesquisa e ação política, complexa e polifônica. Nabudere (2008), em um dos capítulos iniciais, busca examinar a relação entre teoria e prática na construção do conhecimento científico. Ele parte das experiências de historiadores africanos na Tanzânia, entre 1970-1980 e, o choque destes com as abordagens de observação-participante, próximas da Antropologia Funcionalista. Estas, frequentemente, expressavam seu caráter colonizador, tanto negando a validade da história oral dos povos africanos, como a possibilidade de legitimação destes conhecimentos na pesquisa e produção da história escrita.

Já no campo das metodologias informadas por arte, a tradição de *arts-informed research* ou pesquisa informada por artes (tradução livre) a que tive acesso e me inspirei, advém das contribuições do Centre for Arts-Informed Research do Instituto de Estudos em Educação de Ontário, situado na Universidade de Toronto.

A presidência da Associação Americana de Pesquisas Educacionais, sob a condução do educador e pesquisador Elliot Eisner no início dos anos 1993, estabeleceu as condições que faltavam para que os estudos na perspectiva da arte e educação avançassem. O lançamento do grupo especial de trabalho da associação sobre *art-based educational research* (pesquisa educacional baseada em arte, na tradução livre) estimulou uma série de educadores-pesquisadores a se aproximarem da temática, entre eles, os pesquisadores e educadores de Toronto. Estes passaram a acumular iniciativas e estabeleceram um grupo de trabalho experimental em 1998. Anos mais tarde, esse grupo se tornou uma referência nos estudos de arte e educação e consolidou o Centro de Pesquisas Informadas por Arte nos anos 2000.

O livro organizado por este centro, o *Handbook of arts in qualitative research* de Knowles and Cole (2008) e prefaciado por Elliot, é dirigido a comunidade de trabalhadores, educadores, artistas e pesquisadores que queiram se apropriar do uso das artes nas pesquisas qualitativas.

O objetivo desse texto é descrever o processo de artesanaria para utilização destes dois referenciais teórico-metodológicos em uma etnografia junto a coletivos negros da UFRJ.

Desenvolvimento

Foi uma surpresa acolhedora, quando dentro de um ônibus em um dia muito frio na pacata Riverside -Califórnia, indo para uma supervisão com o professor que me orientava durante o sanduíche, deparar-me com esta citação de Nabudere (2008), no início de seu texto:

Na teorização sobre a pesquisa ativista, a conquista mais significativa foi pedagógica: a adoção de métodos participativos de diálogo desenvolvidos pelo educador de adultos brasileiro Paulo Freire. Esses métodos foram uma tentativa de transpor a divisão epistemológica entre o pesquisador e o sujeito pesquisado, livrando-se do desequilíbrio de poder que caracterizava sua relação e, em vez disso, construindo uma relação horizontal de igualdade que promoveria o diálogo entre os dois atores a fim de desenvolver um novo conhecimento emancipatório. A chave para a pedagogia de Freire e para a pesquisa ativista é a sequência de ação, reflexão, questionamento, suposições de pesquisa, tirar conclusões, avaliar opções e planejar ações futuras com base na aprendizagem que foi gerada. Essa sequência em espiral garante o controle do processo de aprendizagem investigativa por todos os participantes e, assim, rompe a dicotomia antropológica “participante / observador”. Nesta abordagem dialógica, a atividade de pesquisa e a avaliação dos resultados estão em um único continuum. Não há distinção entre pesquisador e sujeito pesquisado; todos estão envolvidos na pesquisa, diálogo, ação, reflexão e outras ações (NABUDERE, 2008, p.70).

Estar na condição de afro-brasileira em solo norte-americano, lendo um pesquisador e ativista africano de Uganda e, vendo-o apoiar-se na contribuição e experiência popular do educador brasileiro Paulo Freire: inevitáveis ironias da diáspora! Encarei como uma espécie de confirmação e prossegui toda a leitura do livro.

Como nos fica explícito na citação, o autor extravasa a perspectiva de uma leitura fixada, exclusivamente, na prática educativa popular freiriana. Passa a compreendê-la como um processo reflexivo de produção de novos conhecimentos capaz de fornecer as bases para o estabelecimento das relações e etapas necessárias para condução de uma metodologia de pesquisa-ativista.

Evidentemente, esta não é a única forma de compreender a pesquisa-ativista na tradição norte americana, expressa em Hale (2008). No entanto, foi a partir desta pista que comecei a romper com os desconfortos ou dicotomias que a observação-participante ou a participação-observadora me provocavam. Passei, então, a delinear pontos comuns da pesquisa-ativista e tentar sintetizar de que maneira buscaria utilizá-los na condução do meu estudo que descrevo na sequência.

Focar minha atenção na centralidade dos sujeitos (pesquisadores/as-coletividades) e em suas interações, como motores de todas as etapas do processo de uma elaboração compartilhada sobre os objetivos e rumos da investigação (NABUDERE, 2008) e (GREENWOOD, 2008).

Esta condição nos auxiliaria a refratar a objetificação das técnicas e dos instrumentos da pesquisa sobre nós e possibilitaria captar aquilo que fosse de real necessidade, interesse e possibilidade dos coletivos.

Trazer para o centro da experiência todas as tensões que surgissem e buscar na reflexividade meios de solucioná-las coletivamente. Assim, as tensões e a reflexividade, seriam os elementos centrais do procedimento metodológico, sobretudo, para observar as relações entre a posicionalidade do pesquisador e o conhecimento situado (NABUDERE, 2008) e (GREENWOOD, 2008).

Esta condição permitiria sairmos da superficialidade e do desconforto advindos do mistério. Uma vez conhecidas as posições, sustentadas e debatidas, melhor estaríamos tanto na relação de produção de novos conhecimentos, como de estabelecermos relações de confiança na diferença.

Assumir que o caráter processual e dialógico entre teoria e prática na produção compartilhada de saberes implica no engajamento político de todos os atores nas agendas de luta, bem como, na promoção de formas alternativas de democratização na produção e disseminação dos conhecimentos produzidos (SPEED, 2008) e (GREENWOOD, 2008).

Esta condição possibilitaria romper a dicotomia da observação-participante e ajudaria a construirmos uma relação de cooperação mútua, onde a própria agenda de luta pudesse intuir, explicitar ou elucidar as questões de investigação. Ademais, a assunção do compromisso com formas alternativas de democratização e disseminação do conhecimento produzido, implicaram, posteriormente, na utilização de metodologias informadas por arte.

Resguardar-me que a pesquisa-ativista com grupos racializados, ou ainda, estudar fenômenos que envolvem diferentes processos de racialização e generificação dos sujeitos, incidem diferencialmente sob as realidades, territórios, sujeitos e nas próprias possibilidades de investigação. Sendo, assim, torna-se fundamental a busca pela coerência interna na explicação dos processos, evitando os desequilíbrios essencialistas ou relativistas (SPEED, 2008) e (VARGAS, 2008).

Esta condição me ajudaria a localizar nas minhas próprias experiências de racialização eventuais armadilhas e, me colocaria mais atenta para percebê-las de maneira

menos desequilibrada. Assim, a transição da observação-participante para a pesquisa-ativista iniciada entre o fim do primeiro semestre de 2019.1 e o segundo semestre de 2019.2, ganhou mais corpo e solidez quando do meu retorno do sanduíche, em março de 2020. Foi muito interessante perceber o quanto este ajuste permitiu que a pesquisa desse um salto junto aos coletivos negros da UFRJ.

Pode-se dizer que, ao passo que nos envolvíamos nas agendas de luta e em seus desdobramentos, fomos nos permitindo estreitar relações, sempre respeitadas e permanentemente negociadas para que pudéssemos aprender juntos.

Assim, pouco a pouco, fui compreendendo melhor a dinâmica e as questões do movimento negro da UFRJ/campus sede, conheci seus diferentes sujeitos, organizações, setores e proposições e, sobretudo, encontrei nos coletivos estudantis negros e em suas ações educativas condições para desenvolver o aprofundamento da investigação.

Junto de um material diverso dos mais de 21 coletivos estudantis negros em atividade, material denso, pouco funcional e de uma experiência intensa de quase um ano de pesquisa-ativista, havia também, as palavras de Abdias Nascimento ressoando em mim. Elas me orientavam na busca pela integridade dos sujeitos e de suas experiências como eixos orientadores do que seria meu fazer científico. Estas ressoavam, principalmente, quando me inclinava para um caminho mais fácil:

Um instrumento conceitual operativo se coloca, pois, na pauta das necessidades imediatas da gente negra brasileira. **O qual não deve e não pode ser fruto de uma maquinação cerebral arbitrária, falsa e abstrata.** Nem tampouco um elenco de princípios importados, elaborados a partir de contextos e de realidades diferentes. A cristalização dos nossos conceitos, definições ou princípios deve exprimir a vivência de cultura e de praxis da coletividade negra. **Incorporar nossa integridade de ser total,** em nosso tempo histórico, enriquecendo e aumentando nossa capacidade de luta.
(NASCIMENTO, 2019, p. 289, grifos meus)

Revirei minhas anotações de campo. Escutei boas vezes o material da pesquisa, principalmente, durante o isolamento social. Não tinha as presenças físicas, mas tinha as vozes e as memórias da experiência me lembrando os propósitos da pesquisa nos momentos mais duros.

Queria encontrar uma forma de ser capaz de analisar, compreender e definir os pontos primordiais a partir da experiência concreta, sem esquartejá-la. Desejava, quem sabe, conseguir alcançar e exprimir esta vivência de cultura, de ser total e de práxis da coletividade negra que, nem sempre, as ferramentas de pesquisa tradicional nos permitem alcançar.

Fui entendendo que este desejo de expressar a vivência de cultura e de práxis da coletividade negra de modos mais integrais, trazia o desafio deste campo do conhecimento. E, falava da necessidade de enfrentar tensões e ser capaz de reconfigurar formas de expressar aquilo que “o ser negro produz/produziu”, sejam estes os sujeitos da minha pesquisa ou os próprios teóricos negros/as que utilizo.

Além disso, buscava neste processo ser capaz de apresentar uma forma alternativa de democratização na produção e disseminação dos conhecimentos, tal como orienta a pesquisa-ativista. E, foi assim que me encontrei com as metodologias informadas por arte (COLES, KNOWLES, 2008).

Segundo Knowles e Coles (2008), as pesquisas informadas por arte buscam redefinir as formas e a representação da pesquisa, de tal modo, a criar novos entendimentos sobre processo, espírito, propósito, subjetividade, emoção, responsividade e compromisso ético, de modo a romper o distanciamento entre o conhecimento acadêmico e a comunidade. Todos os contos literários foram apreciados, em primeira mão, pelos ativistas dos coletivos. Este processo foi fundamental na partilha dos achados da pesquisa e na finalização dos contos em si.

Elas tratavam do uso das artes nas pesquisas qualitativas, sobretudo, envolvendo contextos de pesquisa comunitários e participativos e, de que maneira, seus usos poderiam oferecer insights que informassem os processos de análise e promovessem uma disseminação de resultados mais acessíveis.

Começava a vislumbrar formas de preservação da integridade dos sujeitos e das experiências. Eisner (2008) surgiu para dar lucidez conceitual ao incômodo que sentia só de me imaginar transcrevendo as conversações; criando categorias a priori ou a posteriori; fatiando trechos dos pensamentos/histórias de vida negras em pleno movimento da oralidade para brecá-las dentro de um texto rígido, ou ainda, fazê-lo sem conseguir trazer todo o elemento de contexto de vida dos sujeitos.

Não pretendo trazer aqui a discussão envolvendo Ciência e Arte ou a relação entre cientistas e não-cientistas, como os literatos de que trata o clássico que abordou esse tema. Muito já se acumulou desde então, de tal modo, que acredito que necessitamos de exemplos práticos de complementariedade. O que gostaria de pontuar têm haver com a chave conceitual que Eisner (2008) me proporcionou.

Ele começa afirmando que os modelos ocidentais de pesquisa são concebidos a partir de decisões racionais, onde a busca conceitualizada dos fins precede e justifica a elaboração e a conformação/formatação dos meios. Na sequência, ele tece uma oposição

precisa. Era a primeira vez que eu via algo que pudesse fazer sentido a experiência de pesquisa que tivemos. Dizia ele:

Mas será isto verdade? [os fins justificarem os meios]. Nas artes não o é certamente. Nas artes os fins podem seguir os meios. **Alguém pode agir e a acção, em si, pode sugerir fins, os quais não precederam, mas seguiram a acção.** Neste processo os fins mudam; o trabalho produz pistas que alguém segue. De certa forma, rende-se àquilo que o trabalho em processo sugere. Este processo de mudança e objectivos, enquanto se faz o trabalho à mão, é aquilo a que Dewey chama “**propósito flexível**”. O propósito flexível é oportunista; ele sustenta-se nas características emergentes que aparecem dentro de um campo de relações. **Ele não está rigidamente agrupado a objectivos predefinidos quando há oportunidade de melhores aparecerem.** O tipo de pensamento que o propósito flexível requer tem maior sucesso num ambiente em que a aderência rígida a um plano não é uma necessidade. Como professores experientes, sabemos que o caminho mais certo para o inferno numa sala de aula é seguir o plano da aula, independentemente de tudo o resto. (EISNER, 2008, p. 07, grifos meus)

A abertura a incerteza e a adoção de um “propósito flexível” é uma condição da pesquisa-ativista, tal qual o é para qualquer criação artística. As características emergentes dentro de um campo de relações constituíram a pesquisa e produziram pistas que alguém seguiu, nesse caso, eu mesma.

E, antes que a questão pare, tomo emprestado o próprio Elliot (2008, p.05) quando nos diz que “as belas artes não detém o monopólio do artístico”. Tão pouco concordaria Abdias (2019) sobre o monopólio destas pela imagem de um artista stricto sensu. O próprio quilombismo, como ideia-força motriz, apresenta suficientes exemplos da viabilização do gozo da criação artística em lato-sensu.

Delineio, então, algumas características gerais e comuns da pesquisa informada por arte nessa tradição. Na sequência, faço uma localização sobre o estudo da forma, para expressar o meu processo de trabalho na análise do material da pesquisa e produção envolvendo as formas artísticas escolhidas, as fotografias e a produção de contos literários.

As pesquisas informadas por arte buscam um caminho para redefinir as formas e a representação da pesquisa, de tal modo, a criar novos entendimentos sobre processo, espírito, propósito, subjetividade, emoção, responsividade e compromisso ético. Em geral, elas partem do reconhecimento de uma barreira que mantém apartado o conhecimento acadêmico e a comunidade (COLES, KNOWLES, 2008)

Então, se comprometem com uma ou mais formas artísticas objetivando a integralização dos aspectos múltiplos da dimensão humana como os psicológicos, emocionais, espirituais, culturais – frequentemente esvaziados na noção de racionalidade

e objetividade de uma ciência positivista - de modo que o trabalho acadêmico encontre ressonância, necessariamente, na vida comum e comunitária apresentando-se de maneira acessível, empática e provocativa (COLES, KNOWLES, 2008).

Relembrando Eisner (2008, p.09) tanto educadores como artistas necessitam “estabelecer e compor relações qualitativas que satisfaçam algum propósito”. Entre os elementos definidores da pesquisa informada por arte encontra-se o compromisso com um ou mais gêneros artísticos. Assim, cabe aos educadores-pesquisadores-artistas alcançar o estabelecimento, a composição e a projeção dessas relações qualitativas entre as questões da investigação e a forma de representação artística que o texto adquire.

Deste modo, a avaliação da “integridade metodológica da pesquisa”, segundo Coles e Knowles (2008, p.61) deve responder a indagação: Quão bem a composição entre forma artística e as questões da investigação iluminaram e atingiram os propósitos da pesquisa? Em outras palavras, no caso de Eisner (2008, p.09):

Pintar com aquarelas torna possíveis algumas qualidades visuais que não podem ser criadas com pinturas de óleo. A tarefa do artista é explorar as possibilidades do meio, de forma a concretizar objetivos que ele ou ela valorizam.

Esta metodologia parte do pressuposto desmistificador da noção sobre o ato artístico, exclusivamente, como incorporação de habilidades inatas. Coles e Knowles (2008) advogam que pesquisadores podem e devem aprender com os processos de trabalho dos artistas. A mobilização de sensibilidades artísticas em sincronia com as técnicas que caracterizam o trabalho destes, propiciam possibilidades expandidas de imaginação, interpretação e criação que favorecem o processo de investigação e de formulação de composições qualitativas a partir dos dados de uma pesquisa.

Importante ressaltar que é o próprio pesquisador-artista o principal instrumento dessa metodologia. Ela se propõe a atravessar este sujeito, e por isso, produz inevitavelmente reflexos dessa presença e a constituição de uma assinatura. No entanto, isto não quer dizer que, necessariamente, o pesquisador/a é o foco ou o objeto de estudo, como por exemplo, em uma autobiografia ou uma autoetnografia.

Nesse sentido, convém trazer um exemplo que nos ajude a compreender como o pesquisador-artista se conecta com essas ressonâncias e, também, a forma que intuiu meu trabalho. Eisner (2008, p. 6, grifos meus) nos diz:

Os artistas e todos os que trabalham com a composição de qualidades tentam atingir um “**bem de ajuste**”. (...) O trabalho nas artes cultiva os modos de pensar e sentir que eu descrevi; não se pode ter sucesso nas artes sem tais capacidades cognitivas. Tais formas de pensamento integram o sentimento e o pensamento de modo que os tornam inseparáveis. Sabe-se que se está certo

porque se sente as relações. **Modifica-se o trabalho e sente-se os resultados. As sensibilidades entram em jogo e refinam-se no processo.** Um outro modo de por isto é que à medida **que aprendemos nas artes e através delas, nós tornamo-nos inteligentes qualitativamente.**

O último elemento definidor da metodologia que gostaria de mencionar se dá no compromisso de buscar atingir esta “sensibilidade refinada” de que nos fala Eisner, junto de uma audiência mais ampla que, apenas, a academia. Refere-se, então, ao propósito ético-moral de responsabilização social e de produção de uma equidade epistemológica. Isto é, produzir meios necessários para que a audiência ampliada a que o trabalho se destina possa se engajar e se posicionar no processo. Essa dinâmica deve possibilitar o compartilhamento de afetos que a fruição desencadeia em prol da promoção da ação e a transformação da realidade (COLES, KNOWLES, 2008).

Apresentadas tais características gostaria de comentar sobre o estudo da forma e os meios pelos quais empreendi o meu processo de trabalho com as imagens e os contos. A pandemia vinha estreitando a medida de possível todos os dias. Não queria encontrar-me com mais um processo estreito. Tão pouco sabia por onde começar diante desta proposta metodológica. Até que, sorte ou azar, iniciei a leitura na volta do sanduíche em março de 2020 de dois belíssimos livros. Eles haviam surgido a partir da pesquisa no ano anterior, eram eles: O Diário do Hospício e o Cemitério dos Vivos de Lima Barreto e Tenda dos Milagres de Jorge Amado.

A história do primeiro é marcante. Estava caminhando pelo palácio da UFRJ, depois de assistir a disciplina do coletivo negro de psicologia e, vi uma parede adesivada com a seguinte inscrição: “Um maluco vendo me passar com um livro debaixo do braço, quando ia para o refeitório, disse: - Isto aqui está virando um colégio!” - Lima Barreto em Diário do Hospício.

Achei tão pertinente ela estar ali. Sabia, apenas, por alto sobre a internação compulsória em 1914 do intelectual e escritor, negro livre Lima Barreto no Hospício Pedro II, vulgo primeiro manicômio do país, situado onde hoje encontra-se a própria UFRJ Campus Praia Vermelha. Fiquei tão encafifada sobre as histórias que guardavam esse diário que comprei o livro. Daí para frente não soltei mais das mãos de Lima Barreto.

O segundo me surgiu no contexto do II Encontro do Coletivo NegreX de estudantes e médicos negrxs na UFBA. Estava eu socializando um trecho do meu diário de campo com um dos estudantes que havia participado da entrevista experimental. Obtive dele uma reação inusitada. Ele leu, muito atentamente, a passagem de quase uma página. Depois da leitura, estava visivelmente emocionado e comovido. Me olha fundo

nos olhos e me diz, inebriado: “Ah, se Pedro Archanjo fosse vivo para ler isto!”. Eu, do alto de minha ignorância, pedi para que ele me contasse mais sobre esse tal de Pedro (bem com essa entonação de pesquisadora que vocês podem imaginar de “conte me mais sobre isso”).

Ele, gentilmente, me apresentou, o negro Archanjo. Exponente máximo da cultura bahiana, mentor da Tenda dos Milagres e reitor da Universidade Popular do Terreiro de Jesus. Primeiro e mais renomado mestiço a se tornar bedel da Faculdade de Medicina da Bahia. Ou ainda “Pardo, paisano e pobre — tirado a sabichão e a porreta. (de um relatório policial sobre Pedro Archanjo, em 1926)”. Este era mestre Archanjo, ou Ojuobá, personagem de Jorge Amado em Tenda dos Milagres. (AMADO, 2012)

Acho simbólico narrar como estes dois livros chegaram até mim, tão somente, aos quase trinta anos mesmo já tendo lido outros livros desses escritores e, digamos, durante os quarenta e cinco do segundo tempo da pesquisa – quando a vida espreme de verdade. Ambos, demonstram o potencial de intromissão da arte e da espiritualidade ou da sincronicidade, como preferir, sempre a nos socorrer.

Digo que diante do testemunho e da história de vida de Lima, não só acreditei que eu poderia ser capaz de escrever, como vi a urgência de fazê-lo para contar a história de que fui testemunha e participante. E, no que se refere a Jorge, aquilo que me incomodava em Tenda dos Milagres (sua maestria na defesa da mestiçagem) era precisamente minha maior lição a aprender. Ele me oferecia lições sobre como construir um argumento, como promover a base de uma contextualização, dicas sobre como criar tipos complexos de personagens e uma preciosa alegoria literária que contempla e coloca em outro patamar o sentido e a função da estética. Bom, daí para diante, os erros foram todos meus.

Isto posto, segui a orientação da metodologia informada por arte, empreendendo o estudo das formas artísticas. Forma e conteúdo são praticamente dimensões inextrincáveis. A partir de Coles e Knowles (2008) descrevo, na sequência, de que maneira me apropriei da referência para utilização no processo de análise de dados e apresentação dos resultados do trabalho

A forma deve assumir compromisso com o gênero ou forma artística adotada – ainda que não seja requisitado ser um artista *stricto sensu* é preciso ter familiaridade, expertise e saber pensar dentro daquele meio de possibilidades. (COLES E KNOWLES, 2018).

A fotografia permite a captação de ângulos diferentes de perspectiva. O olhar de quem fotografa, de quem é fotografado/a e de quem aprecia. Possibilita a contemplação

e sugestão de símbolos, bem como, de sua fixação momentânea através da imagem. Essas características poderiam me ajudar a explicitar os movimentos de territorialização-“desterritorialização” dos sujeitos negros/as na UFRJ e a proposição sobre o lugar da negritude.

Os contos literários se caracterizam por sua infinita diversidade de formatos. Possuem pré-requisitos de criação mais negociáveis. Em geral, tendem a ser mais flexíveis quanto a erudição prévia de seus leitores. Possuía também mais familiaridade com este gênero do que com outros. Permitiriam a exploração da atmosfera e da densidade do campo e da experiência. Poderiam me ajudar na captação mais integral dos sujeitos. E me ajudariam a dar visibilidade a elementos-chaves de análise e a ocultar e preservar o que fosse necessário.

A forma deve ser assumida como método e elemento estrutural de orientação do processo de trabalho – isto significa, entender como aquele método de criação funciona e quais elementos estruturais ele pode fornecer e quais não pode. Esta questão deve servir para uma construção viável de argumento que mantenha a coerência, tanto entre a ilustração do conhecimento produzido pela investigação, como com os propósitos e aquilo que é esperado para comunicação dentro do gênero escolhido. (COLES E KNOWLES, 2018)

O método de composição de uma galeria de imagens demanda harmonia, balanço, contraste e fixação de um argumento utilizando das cores, formas, sequências e motivos retratados. Este processo de selecionar, agrupar e compor com as centenas de imagens que possuía me possibilitariam captar de maneira mais orgânica e vivaz os ângulos que comporiam a argumentação sobre os lugares da negritude.

O método de escrita de contos literários demandaria, como mínimo, a escolha de histórias a serem contadas. A produção de um enredo estimulante e de um conjunto de personagens envolventes que dessem vida a trama. Este processo me ensinaria a decantar e escolher as melhores ou mais importantes histórias a serem contadas a partir da pesquisa. Me obrigaria a encontrar uma forma estimulante de conta-las associadas a criação de um roteiro-fio argumentativo que a tese exige. Por fim, ofereceria uma forma mais adequada de me apropriar do banco de dados da pesquisa respeitando sua, quase vocação, como acervo para construção de personagens inteiros.

A forma como elemento processual e um fenômeno emergente - isto implica reconhecer que o sentido de inspiração, no contexto da metodologia, está sempre conectado com aquilo que é processual, de modo que tem como ponto de partida,

necessariamente, uma racionalidade fundamentada no real ou uma causalidade fortuita observada a partir dos fenômenos e dados que a investigação forneceu. (COLES E KNOWLES, 2018).

A racionalidade fundamentada sinalizava, entre os dados da pesquisa, a representatividade como uma chave de leitura importante para os coletivos negros. Esta vêm sendo acessada, também, a partir das artes como fontes de produção de imaginários. Trata-se da criação pelos coletivos negros de logomarcas, da produção de materiais imagéticos como folders e encartes, da produção de ensaios fotográficos, do uso do audiovisual em atividades, da organização de saraus e bailes musicais, entre outras manifestações.

Assim, os próprios “achados da pesquisa” sugeriam ser possível partirmos do uso e da produção real das formas artísticas encontradas para incorporá-las na análise. Ressalto que todas as fotografias utilizadas na tese se passam na UFRJ.

A forma como elemento técnico - esta qualidade demanda que estejamos atentos/as sobre as maneiras mais apropriadas de concepção e apresentação do trabalho artístico e sua apresentação no documento. Deve-se considerar, sempre, o que, para quem e como estas formas artísticas informam a investigação. (COLES E KNOWLES, 2018)

A contemplação e estudo desta propriedade implicou na decisão de construção de um projeto gráfico específico para a tese. Significou a negociação entre os limites formais de apresentação do documento de tese e, o mínimo necessário, para apresentação condizente e respeitosa diante das formas artísticas escolhidas.

A forma como elemento estético – significa o domínio e a busca pela consistência, coerência interna, composição, qualidade, autenticidade, aparência condizente e sinceridade próprias ao gênero artístico escolhido. De outra maneira, confiar e aprender como a forma artística pode, de fato, informar a investigação sendo ela mesma forma e conteúdo. (COLES E KNOWLES, 2018)

Para satisfação desta difícil propriedade dediquei-me a fortalecer um grupo de interlocução/recepção. Além de enviar os contos para integrantes dos coletivos para que pudessem dividir suas opiniões e impressões (já estávamos em isolamento social), também, compus um grupo informal de leitores. Entre eles, familiares, amigos, gente da universidade e fora dela das mais distintas áreas. Isto me ajudaria a perceber a recepção e saber se, de fato, a proposta estava funcionando e como deveria proceder com os ajustes finos.

Fortuitamente, o Coletivo Preto Virginia Leone Bicudo de estudantes negros (as) de psicologia inaugurou durante a pandemia um Clube de Leitura, assim como, outros coletivos negros estudantis da UFRJ. Ofereci os contos para alguns de seus integrantes e dividi com eles minhas angústias. Prontamente, ofereceram o espaço do Clube de Leitura para uma fruição e avaliação coletiva dos contos. Sem este esforço coletivo de aprimoramento, em certo sentido, autorização e estímulo, certamente, teria eu desistido diante da insegurança.

Os contos abrem os três últimos capítulos da tese. O primeiro “A porta entre aberta” surge a partir das reflexões da leitura do Diário Hospício. As perguntas eram muitas e os limites para respondê-las evidentes. Então, o conto foi o possível que construí como resposta.

O segundo conto “Sinfonia Carioca”, na realidade, têm mais cara de crônica. Está baseado em uma nota do meu diário de campo que foi estilizada. Apenas, acrescentei elementos factuais de como havia começado meu dia naquela manhã que não constavam na nota do diário de campo.

O último conto “Yara e o balé de ponta dupla” surgiu do estudo da entrevista de uma das estudantes do coletivo que também é bailarina. Na ocasião, me propus a reler Abdias e acabei encontrando uma linda passagem que ele dedicou a bailarina Mercedes Baptista (1921-2014). Fui levada, então, ao documentário que a homenageia: “Balé de pé no chão: a dança afro de Mercedes Baptista” de Lilian Solá Santiago e Marianna Monteiro (2005). A associação estava feita e este conto acabou nascendo já em julho de 2021 em plena finalização da tese.

Bom, que papel assumiriam as fotografias e contos? Como apresenta-los aos leitores? Ou qual sua função no capítulo? Muito refleti sobre esse ponto a partir das leituras de metodologia informada por arte (COLES, KNOWLES, 2008).

A melhor tradução a que cheguei foi a de que além de trazerem os resultados da pesquisa, pois sem os resultados não teria sido possível escrever os contos, eles cumprem a função de uma espécie de “*Chamada de Angola*” durante a tese e entre os capítulos. Não consigo encontrar uma outra gramática para expressar o que quero dizer com isso, logo, tento apresentar o que são as chamadas para aqueles distantes do universo da capoeira.

A chamada pode cumprir muitos papéis, em geral, representa sempre uma ruptura no andamento do jogo de capoeira. Um respiro em meio a um jogo pegado. É quando um jogador interrompe uma sequência e “chama” o outro para assumirem uma posição de

observação. Com diferentes gestuais segundo os tipos de chamada, elas são um respiro, uma reorganização, uma estratégia, um rito no jogo expressos em um “bailado” entre os jogadores que se deslocam na roda sem descolar dos corpos uns dos outros.

Entre as chamadas mais populares, encontra-se a “volta ao mundo”. Nela, a mão direita dos jogadores se toca, eles as seguram se observando enquanto circundam a roda mais lentamente em sentido anti-horário. Mais do que um parêntese ela é um recurso. Sua suspensão é do verbo interromper e do verbo içar. A energia e o axé do jogo são içados pedindo proteção e conexão espiritual. A chamada vem com mandinga e sagacidade. Também pode representar um teste ou uma tentativa de surpreender o adversário.

Assim, os contos são uma “chamada de angola”. São momentos em que o ataque argumentativo da tese se reconfigura. O fluxo anti-horário da sensibilidade e da ancestralidade são içados para oxigenar o texto e impregnar de outras possibilidades. É um convite as leitoras/es para se deslocarem na rota argumentativa da tese sem se descolarem dos corpos da pesquisa em experiência e aquilo que os rodeia.

É uma abertura para que leitoras/es possam construir de maneira ativa suas próprias interpretações. No sentido freiriano do termo, é como se o convite fosse para superar a “*ad-miração*” inicial do problema e de meus argumentos de tese, para uma “*re-admiração*” da roda da pesquisa, podendo estes reconfigurar a admiração inicial das/os leitoras/es sobre aquilo que argumento (FREIRE, 2019).

Considerações finais

A orientação teórico-metodológica da pesquisa-ativista e das metodologias informadas demonstraram-se fundamentais para a pesquisa etnográfica da referida tese. Além de estimular uma análise integral e sensível do material de campo e apresentação dos resultados, esses recursos possibilitaram nos conectar com novos insights e abordagens a partir do próprio uso dos gêneros artísticos escolhidos, a saber: a fotografia, os contos literários e as ilustrações. Essas escolhas teórico-metodológicas propiciaram reduzirmos às distâncias entre o fazer político-cultural e artístico dos coletivos negros universitários e as formas convencionais de retratá-los nas pesquisas etnográficas.

Assim, por meio da arte, enfatizamos a percepção desses coletivos negros como lugares da negritude, atuando enquanto uma matriz formadora, conferindo especificidade aos saberes identitários, políticos e estético corpóreos que subsidiam novos conhecimentos, práticas educativas e estratégias político-pedagógicas de discentes negras/os.

Referências Bibliográficas

AMADO, Jorge. **Tenda dos Milagres**. 4. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2012(Coleção Jorge Amado).

BARRETO, Lima. **Diário do hospício e o cemitério dos vivos**. 1a. Sao Paulo: Cia das Letras, 2017.

EISNER, Elliot E. **O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação**. v. 8, n. 2, p. 05–17, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 69a. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Paz e Terra, 2019.

GREENWOOD, Davydd J. Theoretical research, applied research, and action research : the deinstitutionalization of activist research. In: HALE, Charles R. (org.). **Engaging contradictions: theory, politics, and methods of activist scholarship**. Berkeley: University of California Press, 2008. p. 319–340.

HALE, Charles R. (org.). **Engaging contradictions: theory, politics, and methods of activist scholarship**. Global, area, and international archive. Berkeley: University of California Press, 2008. p. 213–236.

NABUDERE, Dani Wadada. Research, activism, and knowledge production. In: HALE, Charles R. (org.). **Engaging contradictions: theory, politics, and methods of activist scholarship**. Global, area, and international archive. Berkeley: University of California Press, 2008. p. 62–87.

NASCIMENTO, Abdias do; KABENGELE MUNANGA; NASCIMENTO, Elisa Larkin; NASCIMENTO, Valdecir. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. 3a edição, revista. [Rio de Janeiro, Brasil] : São Paulo, SP, Brasil: IPEAFRO ; Perspectiva, 2019.

KNOWLES, J. G; COLE, A, L. **Handbook of the arts in qualitative research: perspectives, methodologies, examples, and issues**. Los Angeles: Sage Publications, 2008.

RIZZO, Tamiris Pereira. **“Tudo que nós têm é nós” : lugares da negritude e práticas político pedagógicas de coletivos negros na universidade**. [Tese de doutorado]. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021. 321fls.

SPEED, Shannon. Forged in dialogue: toward a critically engaged activist research. In: HALE, Charles R. (org.). **Engaging contradictions: theory, politics, and methods of activist scholarship**. Global, area, and international archive. Berkeley: University of California Press, 2008. p. 213–236.

VARGAS, João H. Activist scholarship: limits and possibilities in times of black genocide. In: HALE, Charles R. (org.). **Engaging contradictions: theory, politics, and methods of activist scholarship**. Global, area, and international archive. Berkeley: University of California Press, 2008. p. 164–182.